

LENDO LOBATO NA ESCOLA

Tatiane Cristina Costa¹ , Francine Ricieri² 

RESUMO

Este texto pretende apresentar questões relativas à recepção do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, por uma turma de alunos do ETIM de Informática da Etec Abdias do Nascimento, em São Paulo. Para análise da recepção do conto, foram consideradas reflexões de importantes pesquisadores atuais e pioneiros sobre letramento literário e leitura, escolarizada ou não, bem como definições de leitor. Os resultados aqui relatados foram obtidos através de dois encontros presenciais com os alunos na própria Etec. No primeiro dia, os estudantes leram o conto de Lobato e apresentaram suas considerações a respeito da linguagem, enredo, personagens e interpretação do texto. No segundo dia, os alunos discutiram o contexto histórico de criação de “Negrinha” e voltaram ao conto para outras considerações. Através da análise dos posicionamentos dos estudantes, buscou-se verificar se eles percebem o texto como racista ou como denúncia da situação preconceituosa à qual o negro era submetido na sociedade. Como resultado, observamos que os alunos participantes da pesquisa acreditam que o conto denuncia a situação do negro na sociedade da época.

Palavras-chave: Negrinha, Monteiro Lobato, Preconceito, Ensino.

READING LOBATO AT SCHOOL

ABSTRACT

This text intends to present some points related to the reception of the short story “Negrinha”, by Monteiro Lobato, by the students of ETIM of Informatics in Etec Abdias do Nascimento, in São Paulo. For the analysis of the reception of the story, was consulted reflections of important researchers about literary literacy and theory about reading, and definitions of reader. The collected data described in this text were obtained during two days of classes in Etec. In the first day, the students read Lobato’s story and made considerations on the language, the plot, the characters and their understandings. In the second day, the students discussed about the story’s historical background and read it again to make more considerations. Through the analysis of student’s considerations, it was verified whether the students think that the story is racist or presents the prejudice against black in the society. We verified that the participating students of this research think the short story denounces the situation of black people in the society at that time.

Keywords: Negrinha, Monteiro Lobato, Racism, Teaching.

¹ Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho (UNESP)

² Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

Autor Correspondente: Tatiane Cristina Costa
E-mail: tatianeccosta@yahoo.com.br

Recebido em 05 de Março de 2022 | Aceito em 21 de Junho de 2022.

Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a “prática da liberdade”, o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo.

Paulo Freire

1 INTRODUÇÃO

1.1 A POLÊMICA ACERCA DO SUPOSTO RACISMO LOBATIANO NO CONTO “NEGRINHA”

Monteiro Lobato abordou em seus textos as mazelas da sociedade brasileira, bem como a vida cotidiana do início do século XX. Alinhado às tendências do que se convencionou chamar Pré-Modernismo, Lobato fez reflexões importantes sobre os mais diversos temas sociais, políticos e econômicos do período, como a questão envolvendo a exploração do petróleo e a situação do “caipira” e do negro no Brasil. Em 2019, por ocasião dos setenta anos de sua morte, sua obra passou a ser de domínio público, voltando a ser tema de discussão entre pesquisadores, professores e intelectuais brasileiros, em especial pelo que seria o suposto racismo discernível em seus escritos.

Desde 2010, o assunto veio à tona com intensidade, após a apresentação de uma denúncia feita por Antônio Gomes da Costa Neto através da Ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República - SEPPIR/PR. A denúncia foi feita para que a Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal deixasse de utilizar livros, material didático ou qualquer outra forma de expressão que contivesse palavras que evidenciassem a prática do racismo cultural, institucional ou individual na Educação Básica e Superior do Distrito Federal. O documento tinha como alvo, mais precisamente, a obra “Caçadas de Pedrinho”. O pesquisador baseia sua argumentação no fato de a personagem negra Tia Nastácia ser associada a animais como o macaco. Ele afirma que o livro faz referência ao negro com estereótipos fortemente carregados de elementos racistas. Apesar das alegações, não houve veto à obra.

Em 2012, por meio de representação endereçada ao Ministro da Controladoria Geral da União, Antonio Gomes da Costa Neto, Elzimar Maria Domingues e Humberto Adami Santos Júnior solicitaram a cessação da compra do livro de contos “Negrinha” para o programa PNBE. Sua alegação para tal é que há passagens racistas no texto, principalmente as que dizem respeito à personagem principal. A afirmação dos requerentes de que há racismo na caracterização de Negrinha se deve ao fato de o conto ter sido analisado como “documento”, não como literatura, o que levaria a uma leitura superficial da narrativa, sem consideração de aspectos como a ironia presente na obra.

Desde o início da polêmica, muitos foram os pesquisadores e especialistas em literatura que se manifestaram a favor e contra essas denúncias, o que motivou o desenvolvimento da pesquisa sobre o tema, com o objetivo de verificar qual seria a recepção do conto em uma sala de aula de ensino regular a fim de problematizar o receio de Costa Neto e outros que se manifestaram legalmente contra a adoção escolar do livro.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 AS ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA

Os dois encontros presenciais que estruturam a perspectiva analítica da pesquisa foram realizados em dois momentos diferentes. No primeiro dia, os alunos receberam “Negrinha” e foram solicitados a fazer inicialmente uma leitura silenciosa da narrativa, registrando suas observações. É importante destacar que os participantes do estudo foram instados a evitar contato prévio com o conto, para que não houvesse influências externas ou prévias que pudessem direcionar as interpretações.

Após a leitura, os estudantes foram convidados a compartilhar suas impressões, em diálogo com a pesquisadora. Foram formuladas questões relacionadas a linguagem, enredo, estrutura, personagens, autor e sentimentos despertados pelo conto. As observações dos envolvidos foram relevantes e de natureza diversa. As perguntas propostas não induziram as discussões ao tema racismo.

Os procedimentos didáticos utilizados na atividade privilegiaram a leitura individual e a livre interpretação por parte dos participantes. Essa escolha foi feita justamente pelo fato de, na demanda judicial relativa ao PNBE, os requerentes afirmarem que os alunos interpretariam a narrativa como racista e, conseqüentemente, seriam influenciados por tais preconceitos. O que podemos verificar pelos resultados desta pesquisa empírica é que esta argumentação não parece ser verdadeira. Esta conclusão não busca de forma alguma generalizar a questão, uma vez que a pesquisa analisou as interpretações de um grupo concreto de leitores que, durante as atividades, não julgou o conto racista.

O segundo dia concentrou-se na construção coletiva do contexto histórico-social da década de 1920. Foram levantadas questões relacionadas ao crescimento das cidades, a abolição da escravatura, a situação precária dos negros após a abolição e a mão-de-obra imigrante no Brasil. Depois dessa discussão, os discentes foram convidados a refletir novamente sobre o texto e tecer novos comentários a respeito.

2.2 A TEORIA QUE SERVIU COMO BASE PARA A ANÁLISE DOS RESULTADOS

Para discutirmos a figura do leitor, a leitura e a importância do letramento literário a fim de analisar detidamente os resultados da atividade e o processo de letramento literário possibilitado pelo conto “Negrinha”, pesquisadores com estudos relevantes acerca desses temas foram consultados.

A definição de leitor e suas características aqui analisadas se baseiam, majoritariamente, nos estudos de Annie Rouxel (2013). Para a pesquisadora, os leitores são formados a partir das leituras que fazem, o que constituiria sua autobiografia. A identidade leitora dos indivíduos é formada pela soma das leituras experienciadas ao longo de suas vidas. Tendo em vista esta questão, podemos afirmar que não somente o que é lido por escolha é capaz de constituir a identidade literária de uma pessoa, mas também as escolhas feitas pelos seus professores no ambiente escolar. As leituras realizadas na escola, assim como as feitas por lazer, sem nenhum tipo de obrigação, criam uma relação importante entre o leitor e o texto, uma vez que o levam a entrar em contato com um novo mundo criado pelo autor.

Rouxel (2013), baseada nos estudos de Michel Picard a respeito das figuras de leitores, afirma que quatro são essas figuras: o escapista, o expectador, o boêmio e o crítico. Como a formação da identidade leitora é contínua durante toda a vida do indivíduo, observa-se que um mesmo leitor pode transitar entre uma e outra, de acordo com suas relações com os textos que lê.

De acordo com Rouxel (2013, p. 72), escapista é aquele que “vê a literatura como uma evasão de si e da realidade num tempo abolido”. Essa figura se caracteriza pela leitura rápida, centralizada na intriga e que tem como objetivo o desenlace, mantendo contato com a realidade. Já o expectador é a figura de leitor que menos se prende à trama e que se mostra mais sensível, tendo uma trajetória literária consciente. Quando o expectador finda uma leitura, não se recorda rapidamente dos detalhes da intriga ou da essência do discurso, apenas mantendo viva em sua memória a emoção experimentada.

O leitor boêmio é amador, medita, divaga e devaneia diante do texto, ele raramente se dedica a um segundo nível de leitura para aprofundar sua análise, mantendo-se na vaga impressão geral da obra lida. Ao contrário do amador, o leitor crítico é experiente, sensível aos efeitos do texto e atento à forma. Ele está ligado aos desafios oferecidos pela escrita e relaciona o que lê com outros textos já lidos. Essa leitura experiente está relacionada diretamente com as emoções do leitor, que comandam sua análise.

Para Maria Helena Martins (1982, p. 22) o conceito de leitura não se resume apenas à leitura de textos, mas estende-se a sua aprendizagem, “liga-se ao processo de formação do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural”. Para a pesquisadora, a leitura é um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não apenas do texto escrito, mas de qualquer tipo de linguagem. Ela vai além do texto, uma vez que o leitor é atuante, não apenas de um receptor passivo, porque é ele quem dá sentido ao texto.

Como a leitura é individual e está diretamente ligada à bagagem cultural do indivíduo, podemos verificar que existem níveis diferentes de leitura. Martins (1982) caracteriza e divide esses níveis em sensorial, emocional e racional. A leitura sensorial não é elaborada, ela é uma marcante resposta imediata relacionada com as primeiras escolhas e motiva as primeiras revelações. Ela está ligada aos cinco sentidos: um livro tem forma, cor, textura e até cheiro. Ao entrar em contato com ele, o leitor sente-se atraído ou não, curioso ou não para desbravar o que aquela obra oferece. Esse primeiro contato é, então, sensorial.

Após esse contato sensorial com o livro, adentramos o próximo nível de leitura: o emocional. Esse nível lida com sentimentos, podendo implicar falta de objetividade, subjetivismo, o que poderia fazer com que ele seja encarado por muitos como inferior, assim como o sensorial, pois está baseado em uma interpretação totalmente pessoal. Apesar disso, essa leitura é a que pode oferecer mais prazer ao leitor, porque pressupõe seu envolvimento emocional com o texto. O que é importante é o que o leitor sente enquanto lê.

Já a leitura racional, que seria, em tese, menos subjetiva que as anteriores, é intelectualizada, dominante e não é comum a todos os leitores. Para Martins, ela foi concebida para ser a leitura típica dos intelectuais, dos elitistas, aqueles que ditam normas para a nossa leitura. Ela está acima dos sentimentos, tende a ser unívoca, o leitor deve ver o texto isolado de seu contexto, sem qualquer envolvimento pessoal, baseado em regras pré-estabelecidas, condicionado por ideologias. Contudo, a pesquisadora faz uma importante diferenciação entre o que seria a leitura a nível intelectual, elitista, como explicitado acima, e a nível racional, que ela considera englobar os dois primeiros níveis:

Em síntese, a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o processo permite, alargando os horizontes de expectativas do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (MARTINS, 1982, p. 66)

Podemos entender que a pesquisadora considera a leitura racional como algo que pode ser alcançado por qualquer leitor e não somente limitado a uma elite intelectual. Para que possamos atingir esse tipo de leitura, é inevitável passar pelo primeiro contato com o texto, o que está ligado ao sensorial. É muitas vezes através do visual que nos sentimos atraídos por um livro.

Quando iniciamos uma leitura, essa desperta diversos sentimentos, o que, como defende Martins, nos aproxima do texto, suscita o desejo de continuar ou interromper a leitura. É justamente essa emoção que causa maior envolvimento do leitor com uma obra e faz com que o aprofundamento aconteça. O sentimento não impede a leitura racional. O leitor pode se envolver e, mesmo assim, aprofundar sua leitura, relacionando-a com o contexto social que ele representa, com a sociedade na qual o leitor está inserido e até mesmo com seu universo individual.

Outra questão que contribuiu para a análise dos resultados alcançados foi o conceito de letramento literário, cuja abordagem nas escolas hoje é incipiente. Acreditamos que isso se dá na maioria das vezes por falta de uma formação docente que realmente proporcione aos professores instrumentos eficientes para que eles possam desenvolver esse tipo de letramento em sala de aula.

Rildo Cosson (2014, p. 100-101) assim define letramento literário: “trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a elas relacionadas”. Para o autor, assim como há tipos de leitores e níveis de leitura, também há níveis de letramento, uma vez que, em uma sociedade letrada como a nossa, até mesmo um analfabeto participa de algum tipo de letramento. Não apenas na escola, mas no convívio social em geral, é possível e importante desenvolver o letramento literário, pois ele não representa apenas um tipo de uso social da escrita, mas sim uma forma de assegurar seu efetivo domínio.

Sobre a escrita, Cosson afirma que:

Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e pelo espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano. (COSSON, 2014, p. 167 - 168).

Essa libertação defendida pelo autor está ligada a todo conhecimento que o texto pode nos oferecer. Em consonância com esta afirmação, Cosson (2014, p. 186) afirma que “a experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência de outro, como também vivenciar essa experiência”. Através da leitura de diversas obras literárias, podemos observar o mundo através da visão ali expressa, principalmente quando nos apropriamos do texto e passamos a viver a experiência social ali relatada, porém, ainda sendo nós mesmos.

A escola, enquanto ambiente de leitura e interpretação, oferece ao estudante a possibilidade de uma expansão do ponto de vista que ele tem do texto, uma vez que, segundo Cosson (2014) a obra pode nos oferecer uma possibilidade de leitura, uma vez que esta é solitária, já a interpretação é um ato solidário, pois podemos dividir nossas interpretações com outras pessoas e, assim, aumentar nosso conhecimento e capacidade interpretativa à medida que entramos em contato com a visão de outras pessoas a respeito de um texto.

Esse compartilhamento não está limitado somente à troca de ideias que fazemos com nossos colegas de turma, mas também à que fazemos com o autor e com a sociedade por ele retratada, pois a visão de mundo do autor está ali expressa, assim como a da sociedade por ele representada na obra.

O autor propõe três etapas para que o professor possa efetivamente contribuir para o letramento literário dos alunos e esta pesquisa utilizou duas delas para que a verificação proposta ocorresse. A primeira etapa, não utilizada nesta pesquisa, é a chamada “antecipação”, que contém todas as formas de se introduzir a leitura de um texto. Ela pode ocorrer através de um contato prévio com as características do autor e outras informações que se julgue interessante para o leitor, como número de páginas. Como procuramos não influenciar de nenhuma forma a leitura do texto com antecipações, essa etapa não fez parte da atividade proposta.

Já a segunda etapa, a chamada “decifração”, ocorre por meio da análise de letras e palavras do texto. A depender da obra lida e do nível de leitor envolvido, ela pode demorar mais ou menos e também oferecer diferentes dificuldades. Um leitor iniciante certamente demorará mais tempo nessa etapa, por isso é importante considerar o perfil do leitor ao escolher a obra que será lida.

A terceira etapa, chamada de “interpretação”, é aquela em que as relações do leitor com o texto são centrais. Esta fase, como dito anteriormente, foi crucial para esta pesquisa, uma vez que a interpretação dos alunos diante do texto lido foi o que pretendemos buscar. Para Cosson:

A interpretação depende, assim, do que escreveu o autor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em uma determinada sociedade. Interpretar é dialogar com o texto tendo como limite o contexto. Esse contexto é de mão dupla: tanto é aquele dado pelo texto quanto o dado pelo leitor; um e outro precisam convergir para que a leitura adquira sentido. Essa convergência dá-se pelas referências à cultura na qual se localizam o autor e o leitor, assim como por força das restrições que a comunidade do leitor impõe ao ato de ler. (COSSON, 2014, p. 539).

O que foi escrito por Lobato encontra-se no conto, que nos apresenta um relato repleto de valores culturais da época na qual foi escrito. O leitor atual, diante de tal cenário, dialoga com ele, interpretando situações e conceitos ali apresentados, o que suscita um posicionamento crítico de sua parte diante das sensações que o conto desperta e diante das questões sociais ali retratadas, o que remete a um letramento literário eficiente. Independentemente do posicionamento que os estudantes adotem com relação ao texto, é importante ressaltar que esse conto (como outros) contribui efetivamente para o fomento da leitura literária em nossas escolas.

2.3 CONSIDERAÇÕES ANALÍTICAS SOBRE AS ATIVIDADES

Diante das colocações realizadas durante as atividades, podemos classificar os estudantes participantes da pesquisa como leitores críticos, de acordo com a definição de Annie Rouxel mencionada anteriormente, apesar de a maioria deles ter menos de 18 anos de idade à época da pesquisa. Os alunos se mostraram sensíveis aos efeitos do conto e o relacionaram com outros textos por eles lidos. As emoções, em muitas situações comandaram a análise feita, remetendo novamente ao perfil do leitor crítico. Embora os discentes não tenham atentado tanto à forma do conto, observamos que eles apresentam uma prática literária escolar eficiente, uma vez que foram capazes de fazer associações entre “Negrinha” e outras obras lidas durante sua formação, fazendo comentários críticos e demonstrando sensibilidade para lidar com os elementos que influenciam a interpretação dos textos. Essas características, além de remeterem a um leitor crítico, são importantes para uma leitura considerada racional, definida por Maria Helena Martins como aquela que estabelece uma ponte entre o leitor e o conhecimento, suscitando reflexões acerca do que é lido, de modo a conferir sentido ao texto.

A leitura feita pelos estudantes que manifestaram seus pontos de vista durante a atividade baseou-se na interpretação crítica do conto em si, mas também identificamos que seus comentários e posicionamentos foram influenciados diretamente pelos sentimentos e emoções despertados pelo texto, o que remete também à leitura emocional. O fato de esta se mostrar majoritária na fala dos estudantes, remete à colocação de Martins sobre o fato da leitura racional não ser privilégio de uma elite intelectual, mas estar ao alcance de qualquer leitor. O comentário de um estudante que versou sobre a “montanha russa de emoções” que o texto desperta no leitor leva diretamente a essa colocação.

No primeiro dia, todos os alunos presentes se manifestaram dizendo ter gostado da narrativa. Nenhum estudante afirmou não ter gostado da obra ou criticado seu enredo por qualquer motivo. Não houve nenhuma

menção ao texto e/ou autor serem racistas por conta do enredo. Podemos verificar esse posicionamento dos estudantes nas declarações feitas a respeito do conto: “Muito profundo. O texto me tocou” e “Eu acho que esse texto é muito interessante” (COSTA, 2020, p. 107).

É imprescindível destacar que nenhum estudante se manifestou dizendo sentir raiva da representação de Negrinha e dos adjetivos utilizados para caracterizá-la. A figura da menina despertou compaixão desde o início da narrativa e fez com que os alunos se solidarizassem com seu sofrimento, não tendo ocorrido nenhuma manifestação a respeito do texto ser preconceituoso por retratar a personagem de tal maneira. Podemos depreender isso da resposta dada por um participante à questão feita sobre as razões pelas quais o texto havia sido tocante: “porque mostra como a menina era maltratada e, quando ela viu a boneca, mostra que ela sentiu, sabe, ela morreu no auge” (COSTA, 2020, p. 107).

Os estudantes se manifestaram a respeito da chegada das sobrinhas de Dona Inácia, brancas e lindas como diz o texto, dizendo que a vida de Negrinha se modificou após a brincadeira com as meninas, fazendo com que ela se sentisse feliz pela primeira vez e tomasse consciência de sua péssima condição de vida. Em nenhum momento foi feito qualquer comentário acerca da superioridade branca das meninas ou mesmo da presença de racismo delas para com Negrinha, uma vez que elas não a discriminam por sua cor e condição social.

O fato de o contexto social do conto ser relacionado com a atualidade chamou a atenção durante toda a atividade. Exemplo disso é quando um aluno aponta o papel da mulher na sociedade, tal como retratado no texto:

Eu já achei interessante no texto que um trecho aqui fala sobre a figura da mulher: ‘Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca - preparatório, e o momento dos filhos - definitivo. Depois disso, está extinta a mulher’. Era um conceito que a gente sabe que era muito visto, que a figura da mulher na época e até hoje infelizmente é assim. (COSTA, 2020, p. 107).

Observamos por essa e outras colocações que os alunos são capazes de identificar em um texto a presença de questões sociais, identificando posicionamentos que eram comuns à época e que hoje foram modificados ou ainda persistem. Essa relação mostra que os estudantes procuram entender o texto dentro de sua esfera social, não o julgando segundo parâmetros sociais da atualidade.

Dona Inácia é apontada em diversos momentos como uma personagem cruel, hipócrita e racista, não como uma figura superior e apresentada positivamente no texto. Também não observamos comentários acerca da suposta superioridade branca pregada por Lobato em relação aos negros, como defendem alguns pesquisadores. Pelo contrário, a ironia do conto é identificada pelos discentes, o que fez com que interpretassem Dona Inácia como uma personagem má, considerada até mesmo como fascista e construída de maneira pejorativa pelo narrador.

O final de Negrinha, apesar de trágico, foi interpretado como positivo, uma vez que ela se vê liberta de sua condição e livre de qualquer mágoa. Ela conseguiu ser feliz, mesmo que por pouco tempo, ficou em paz e conseguiu “existir”.

O racismo e a desigualdade social também foram mencionados como parte importante do conto, mas muito atrelados à figura de Dona Inácia, uma vez que ela é quem maltratava física e psicologicamente a menina. É importante destacar que autor e narrador não foram apontados como racistas, o texto foi identificado como instrumento para se mostrar à sociedade uma realidade indesejada: os maus tratos aos negros.

Outro fator interessante a ser mencionado é que um estudante afirmou que o tratamento dispensado à menina era cruel, porém, ele afirma que os maus tratos eram tão rotineiros em sua vida que ela se acostumou a eles, até mesmo acreditando que essa fosse a ordem natural das coisas. Em nenhum momento houve a interpretação de que isso fosse colocado para o leitor de maneira a parecer normal, como se fosse justa a crueldade de Dona Inácia para com Negrinha, o que poderia nos fazer acreditar que o narrador aprovaria essa situação.

O final do conto, no que diz respeito à morte de menina, marcou muito um estudante, porque ele evidenciou o quanto a sociedade era racista: “Nesse final, eu fiquei interessado pela parte que fala que ela foi enterrada com indiferença, uma carinha de terceira. Nesse fato da morte, eles não se compadeceram, o racismo prevaleceu, eu acho algo bem forte assim, ela foi enterrada como um animal qualquer” (COSTA, 2020, p 109). Observamos novamente a menção ao preconceito racial de todos os personagens envolvidos na narrativa, pois nenhum deles se compadeceu diante da morte da menina, o que revela que ela não era considerada por eles como um ser humano, como os alunos esclareceram. Podemos afirmar que sua colocação constituiu-se como leitura emocional, quando o estudante afirma que a morte da menina o marcou e como racional quando ele afirma que, diante do desfecho de Negrinha, o racismo prevaleceu. O perfil do leitor crítico apresentado pelos participantes novamente é evidenciado por colocações desta natureza, que demonstram habilidade de interpretar um texto levando em consideração aspectos emocionais e críticos.

Um estudante aponta o racismo como uma das grandes causas do livro:

Uma das coisas que eu percebi sobre a menina é que o texto já começa triste, ele fala muito sobre racismo porque ele fala: ‘ela era preta? Não, ela era fusca, mulatinha escura’, traduzindo, ela nem para ser negra servia. O texto fala que o cabelo dela era ruim, demonstra que provavelmente, como ela não tinha cabelos loiros, lisos, ela tinha olhos assustados, que eu acho que se deve também ao fato de qualquer coisa ela apanhar, então acho que o racismo é uma das grandes causas do livro. (COSTA, 2020, p. 110)

Observamos aqui que o aluno afirma que o conto trata o preconceito racial, não que o texto, o autor ou o narrador são racistas.

No segundo dia de atividades, as discussões tiveram como objetivo esclarecer o contexto histórico e social da década de 1920, período no qual o conto foi escrito. Foi traçado um perfil da abolição da escravatura no Brasil e do período pós-abolição. Os alunos demonstraram ter conhecimentos consistentes a respeito da história do país, apontando os negros como discriminados a ponto de serem vistos apenas como ferramentas de trabalho que poderiam ser compradas e, após a abolição, continuaram sendo marginalizados pela sociedade.

Eles apontaram o fato de os negros terem permanecido na situação marginal após a abolição pelo fato de não terem sido inseridos na sociedade. Sem acesso à Educação ou oportunidades de melhoria de vida, muitos continuaram nas fazendas onde antes eram escravos. Quando conseguiam alguma colocação, essa tinha um pagamento baixo por serem negros. Para os alunos, haveria até hoje resquícios dessas práticas, pois, segundo eles, o governo tenta minimizar e/ou recompensar a situação marginal a que eles foram submetidos até os dias atuais.

Voltando ao texto após esta discussão, um estudante fez uma colocação interessante a respeito do que foi retratado no conto ser considerado corriqueiro e mascarado pela sociedade à época, mas que hoje é encarado como algo reprovável, demonstrando a mudança de pensamento a que a sociedade foi submetida: “Sim, eu acho que, na verdade, eles ficavam mascarando, sabe? Eles eram ex-senhores de escravos, talvez isso não seja tão legal agora porque machucava, era tão desumano” (COSTA, 2020, p. 112). É possível depreender dessa colocação que a mudança de pensamento com relação ao que é ou não aceitável em uma sociedade mudou. Apesar desse reconhecimento, os estudantes afirmam que a discriminação racial no Brasil ainda

existe, porém, ela acontece de maneira diversa àquela retratada na narrativa. É possível observar por esse panorama que os alunos, além de apresentarem bom conhecimento da história do país, ainda o articulam a ponto de relacioná-lo com a atualidade e com o texto lido.

Uma participante afirmou, depois do primeiro encontro, ter lido que algumas pessoas afirmam que Lobato era racista e citou paródias feitas com Tia Nastácia. Ela disse que isso a deixou confusa porque, ao ler o conto “Negrinha”, ela não achou que o autor fosse racista, mas, sim, que se tratava de denúncia da situação do negro, assim como seus colegas. Ela, até aquele momento, parecia não estar decidida com relação a que posição tomar diante da questão.

Um estudante se manifestou em seguida dizendo que o conto é um documento histórico, pois nos apresenta uma realidade vivida em nosso país e faz uma crítica direta a isso. Parece possível depreender que ele acredita que a narrativa não seja racista. O aluno fez a seguinte colocação:

Esse texto, principalmente pela forma como ele está escrito, se você parar para ver, ele tem várias críticas, então ele até poderia passar por uma espécie de censura na época, porque não podia se falar de racismo, essas coisas, a situação dos escravos, pelo que ele passa, e a gente tem alguém que pode falar, porque que isso realmente aconteceu, como é que era, porque sem esse texto, pode ser que a gente tenha um documento a menos. (COSTA, 2020)

Em sua fala, ele defendeu a escrita do conto e até mesmo a coragem do autor em escrevê-lo, uma vez que se trata de um assunto muito polêmico como o racismo e que até poderia gerar uma censura por conta da crítica feita por Lobato.

Diante dessas duas colocações, os alunos foram convidados a pensar se o texto seria mesmo uma crítica social ou seria fruto do racismo do autor. Um estudante prontamente respondeu:

Eu acho que é o que ele está falando (ele concorda com a colocação do colega segundo a qual o texto é uma denúncia), porque a maneira como ele fala da Negrinha eu acho que é para gerar simpatia, vamos dizer, é o que gera na maioria das pessoas, porque as pessoas chegam a chorar mesmo, porque eu acho que isso não estaria aqui se fosse um autor que mostrasse antipatia pelos negros. (COSTA, 2020, p. 148)

Diante das afirmações feitas pelos participantes das atividades, podemos concluir que o presente estudo evidencia que o conto “Negrinha” realmente contribui com a discussão do preconceito racial nas salas de aula de brasileiras. Por esse motivo, acreditamos que seria uma lamentável perda impedir sua circulação como leitura escolarizada, uma vez que ele oferece possibilidades de um letramento literário que possa despertar o censo crítico dos estudantes seja despertado e para que o radicalismo encontrado em muitos posicionamentos, como o de Antonio Gomes da Costa Neto (2020), possa ser evitado.

Ao analisarmos a interação ocorrida nos dois dias de atividades pela ótica do letramento literário eficiente definido por Rildo Cosson (2014), podemos reforçar a defesa de que os participantes desta pesquisa são leitores críticos, praticantes de uma leitura racional. Esse posicionamento se baseia, principalmente, no fato de a experiência literária ocorrida ter permitido aos alunos entrar em contato com a sociedade brasileira do início do século XX. Através da leitura da história de vida de Negrinha, a literatura serviu para expandir o horizonte cultural dos estudantes. Isso tudo remete ao que Rildo Cosson (2014) afirma ser um letramento literário eficiente, que expande a visão de mundo do leitor e serve de ponto de partida para discussões a respeito do contexto literário de uma obra, como ocorreu durante as duas atividades aqui analisadas.

O fato de os estudantes terem percorrido rapidamente a fase nomeada por Cosson (2014) como “decifração”, tendo levantado apenas uma questão a respeito da linguagem, a palavra “cocre”, demonstra que a prática literária da turma os caracteriza como leitores críticos, realmente experientes, que, mesmo não

conhecendo algumas palavras, conseguiram, através da análise do contexto no qual elas se encontravam, alcançar seu significado, sem intervenção da pesquisadora.

A etapa do letramento literário privilegiada por esta pesquisa foi a interpretação. Para Cosson (2014), como ressaltado anteriormente, interpretar é dialogar com o texto, tendo como limite o contexto. Isso foi justamente o que ocorreu. Os estudantes levantaram discussões que foram além do próprio conto, abordando questões sociais da atualidade e também da época de escritura da narrativa. Foram levadas em consideração a cultura na qual eles se inserem e também na qual o autor se inseria. Essa consideração é condição para que um objeto possa ser compreendido de forma global, contrariamente ao que ocorre com algumas leituras realizadas por pesquisadores aqui citados, que analisam a obra baseados, apenas, na cultura que permeia nossa sociedade atual.

Durante as atividades, a pesquisadora buscou mediar a discussão deixando os alunos livres para expressar seus pontos de vista, porém dirigiu a eles perguntas que os fizessem refletir sobre questões relevantes para a interpretação. Acreditamos que essa mediação que busca a reflexão seja exemplo do processo de letramento literário definido por Cosson (2014).

Para que os participantes atentassem a questões de ordem semântica para intensificar suas interpretações a respeito da construção da personagem Negrinha, foi solicitado que voltassem ao texto para que lessem os adjetivos utilizados para caracterizar a menina. Selecionar trechos da obra e convidar os alunos a voltar a eles durante a aula é outro procedimento relevante para que eles observem trechos importantes que podem levá-los a refinar suas interpretações. A pesquisadora, ao chamar a atenção dos alunos para a descrição da personagem Dona Inácia, solicita aos estudantes que retomem o trecho do conto em que essa descrição ocorre, ressaltando a palavra “frenesi”. A discussão a respeito do significado da palavra levou-os a intensificar seus pontos de vista a respeito da crueldade da personagem.

O processo de leitura que induz a uma análise detida com relação a algum elemento formal da narrativa é valorizado quando temos como referência alcançar um letramento literário eficiente. Como exemplos dessa mediação, temos o momento em que a pesquisadora chama a atenção dos alunos para o “paradoxo” e a “ironia”, ambas figuras de linguagem, encontradas entre a visão que Dona Inácia tem de si e as ações que pratica.

Acreditamos ser essa uma mediação que auxilie o estudante a utilizar recursos diferentes durante a leitura, expandindo, assim, suas interpretações. Essa função de fornecer repertório e elementos para que o aluno aprenda a lidar com a leitura de maneira mais abrangente é da escola e pode ser desenvolvida também por trabalhos como aquele conduzido a propósito do conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi apresentar os resultados de uma experiência concreta conduzida em sala de aula que tornou possível analisar a recepção pelos estudantes de “Negrinha”, de Monteiro Lobato. A intenção foi observar como e a partir de quais recursos os estudantes construiriam hipóteses interpretativas sobre o texto, em especial no que diz respeito à questão racial. Tal objetivo foi alcançado, tendo sido evidenciadas questões importantes acerca do perfil do leitor participante da pesquisa, de sua leitura e do letramento literário no Brasil.

O trabalho evidenciou que o letramento literário na escola, como explicitado por Cosson, contribui de modo decisivo para a formação de uma sociedade crítica e independente, uma vez que fornece elementos para que o leitor possa intensificar a qualidade de sua interpretação, atingindo a leitura racional, apresentada por Martins, e, assim, o nível de leitor crítico, como definido por Rouxel (2013). A mediação docente, tão

ressaltada por diversos pesquisadores como essencial para a democratização do acesso à literatura nas escolas, mostrou-se realmente eficiente, uma vez que buscou apontar caminhos para a discussão de aspectos formais, sociais e críticos a partir da leitura do conto lobatiano.

A utilização de “Negrinha” na sala de aula também foi bem sucedida quanto à discussão de questões raciais, possibilitando a análise detida do contexto histórico e social da época e também da atualidade. O potencial de aspectos formais e contextuais associados à obra foi explorado, tendo sido analisados elementos como a presença da ironia, linguagem, figura do narrador, construção das personagens e posicionamento do autor. As leituras realizadas pelos estudantes também explicitaram que “Negrinha” não contribuiu, ao menos nesse caso, para a difusão do racismo. Ao contrário, foi denunciada criticamente uma triste realidade brasileira, que deve ser assumida e discutida - para que possa ser combatida.

O letramento literário, em especial aquele promovido em contexto escolar, permanece como um campo fértil para a realização de pesquisas acadêmicas, podendo contribuir com o redimensionamento até mesmo da recepção crítica de autores como Monteiro Lobato. Ouvir o leitor, mediar e problematizar os processos de leitura, incentivar a pluralidade de interpretações são intervenções que a pesquisa acadêmica está apta a realizar, oferecendo subsídios para a docência e para o projeto utópico de se tentar alcançar uma sociedade mais crítica, em que cada um dos seus sujeitos leia e interprete com independência.

Um tal projeto seria basicamente emancipatório, podendo contribuir com a possibilidade de que até mesmo um estudante de uma escola pública específica pudesse vir a construir um posicionamento crítico frente ao mundo que o circunda e no qual sua vida se desenrola. Não porque os temas problemáticos ou os livros polêmicos foram retirados de circulação - mas porque houve intervenções no sentido de oportunizar que ideias pudessem livremente transitar.

REFERÊNCIAS

- Cosson, R. (2014). *Letramento literário: teoria e prática*. Versão ebook. São Paulo: Ed. Contexto.
- Costa, T.C. da (2020). *Negrinha na sala de aula: estímulo ao preconceito ou à reflexão?* [Dissertação de Mestrado em Letras - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos].
- Lobato, J.B.M. (2008). *Negrinha*. 2.ed. São Paulo: Editora Globo.
- Martins, M.H. (1982). *O que é leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Rouxel, A.; Rezende, N.L. de (org.). (2013). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. 1.ed. São Paulo: Editora Alameda.